



Desesterro, de Sheyla Smanioto Ficar partir resistir, trajetórias do corpo feminino

Carlos Eduardo Bione¹

RESUMO:

O presente artigo propõe uma leitura do romance de estreia de Sheyla Smanioto, *Desesterro*, publicado em 2015. A partir da ideia de que a autora instaura em sua escrita uma *poética corpórea*, desenvolvemos um estudo do romance tendo em vista um diálogo entre elementos internos, constituintes do tecido narrativo, e fatores externos que, numa abordagem de percepção do texto literário como um elemento que integra uma rede de intervenções num campo expandido, contribuíram para a escrita do livro. Para tanto, utilizaremos as noções de *vida precária* e *corpos em aliança* propostas por Butler, assim como a noção de *trânsfuga* problematizada por Jaquet.

PALAVRAS-CHAVE:

Linhagem familiar;
Segregação social;
Violência;
Resistência.

O autor:

¹ Doutorando ligado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLit-UnB). Sob orientação do Prof. Dr. Anderson Luís Nunes da Mata (UnB), desenvolve pesquisa sobre narrativas de filiação na literatura brasileira contemporânea. Integrante do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC-UnB).

E-mail: cadubione@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8015-7838>

às Marias de minha infância.

*Je n'entendrai plus sa voix. C'est elle, et ses paroles,
ses mains, ses gestes, sa manière de rire et marcher, qui
unissaient la femme que je suis à l'enfant que j'ai été.
J'ai perdu le dernier lien avec le monde dont je suis issue.*
[26 février 1987]

Annie Ernaux, *Une femme*

1. INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver um estudo sobre o romance *Desesterro*¹ (2015), de Sheyla Smanioto, surgiu-nos desde os primeiros encontros, leituras e debates durante o curso *Representações do Outro*, oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília². A questão que se impunha, porém, desde o início, era a de decidir qual a chave de abordagem que seria exatamente escolhida.

No terreno das representações na escrita literária, *Desesterro* oferece-nos uma miríade de possibilidades de análise. Desde a representação do núcleo familiar propriamente dito - tópica frequente na prosa de ficção brasileira com mais ênfase, pelo menos, desde o Real-naturalismo -, passando por temas como a fome, a migração, a condição periférica nos grandes centros urbanos, os processos de subalternização impostos a agentes sociais periféricos, a construção do *ethos* da masculinidade e da feminilidade em contextos de uma existência precária³, as representações das diferentes formas de violência de gênero numa sociedade de fortes traços patriarcais e autoritários, até, por fim, mas não exaustivamente, as representações dos corpos femininos. Esta última possibilidade de chave analítica, para pensarmos as representações do outro, será a que desenvolveremos neste breve estudo.

Num primeiro momento da nossa análise, situaremos o romance no contexto da produção literária brasileira contemporânea, de onde parte a escrita de sua narrativa. Para tanto, passaremos a entender a abordagem da obra literária numa concepção mais expandida, para além do objeto livro propriamente dito. A partir desse entendimento, tentaremos recuperar uma traçabilidade possível do processo

¹ Para este artigo, utilizamos a versão digital, em formato *e-book*, do romance *Desesterro*. Por esta razão, infelizmente, não nos será possível estabelecer, para fins de consulta, uma paginação precisa às possíveis referências citadas ao longo deste texto.

² Curso ministrado pela Prof.^a Dr.^a Cíntia Schwantes (Literatura Comparada-TEL-IL-UnB), em 2019.2.

³ Fazemos aqui referência à noção de vida precária, condição de (r)existência imposta a grupos sociais ditos minoritários na contemporaneidade, trabalhada por Judith Butler em seu ensaio homônimo, original de 2004. Cf. BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

de composição de *Desesterro*, uma vez que essa narrativa faz parte do discurso de sua autora dentro da dinâmica de construção de uma outra narrativa, paralela, que acompanha a história do romance em si.

Consideramos importante, para o escopo mais amplo de nossa pesquisa doutoral, essa aproximação das narrativas que gravitam em torno de *Desesterro*, pois elas dão-nos conta daqueles elementos que, no processo de escrita da autora, não aparecem tão explicitamente na superfície da narrativa romanesca. Acreditamos, porém, que, mesmo que esses elementos discursivos não sejam referenciados diretamente formando a tessitura do material narrado dentro do objeto físico do livro, o conteúdo das falas de Smanioto (cf. referências à nota 6), todavia, contribuem para sensibilizar a percepção das potências latentes de sua literatura.

Posteriormente, passaremos à análise da matéria narrada, seus elementos constitutivos. Buscaremos entender a dinâmica narrativa utilizada pela autora e os efeitos alcançados pelas técnicas mobilizadas ao longo da narração. Nesse sentido, parece-nos evidente observar como forma narrativa e conteúdo narrado impactam diretamente na construção imagética e social das representações do corpo feminino no romance.

Por fim, mas não menos importante, há que destacar o fato de nossa abordagem do livro tentar estabelecer, ao longo de nossa escrita, um diálogo permanente entre elementos intratextuais e aqueles extratextuais que, no avançar de nossa leitura, venham eventualmente surgir. Pelos motivos expostos anteriormente, pensamos ser este *parti pris* dialético de nossa leitura uma forma produtiva de estabelecer uma relação social e histórica com o conteúdo trabalhado pela autora *in fabula*.

2. Desterro, desespero, desenterro. *Desesterro*

Estabelecidos esses breves, e permeáveis, marcos de ordem teórico-metodológica, passemos ao conteúdo daquilo que, no espaço deste artigo, iremos abordar de forma mais demorada. Nossa análise se concentra nas questões envolvendo o corpo feminino, especificamente as representações desse corpo numa dinâmica relacional com o núcleo familiar e com a sociedade, configurando assim uma espécie de movimento que, por ora, nomeamos uma *poética corpórea* a

partir dos embates que se dão nas diferentes espacialidades da narrativa, o interno, o íntimo e o familiar *versus* o externo, o público e o social⁴.

Vejamos então o que podemos fazer em matéria de análise nesse espaço onde tudo, ainda, são inícios e inconstâncias.

Primeiro trabalho de Sheyla Smanioto, *Desesterro* não é um livro que nos proporciona uma leitura fácil. Pelo contrário, sua complexidade prosódica construída a partir de falas densamente elaboradas, explorando potencialidades sonoras e dialetais, mesclando a esses discursos elementos de crenças populares e a precisão do dizer de personagens sistematicamente silenciadas, aproxima-nos, despidoradamente, de uma realidade violenta e crua. Na verdade, sua força narrativa coloca-nos, do início ao fim, diante de um turbilhão de vozes e sensações.

Ler *Desesterro* impõe ao leitor, forçosamente, uma experiência do antes e uma do depois. A entrada no universo ficcional smaniotiano é um contato direto com o mundo de assombros no qual estão imersas as suas personagens. O próprio neologismo que dá nome à narrativa parece instaurar, já de entrada, esse *locus* do incômodo, que acompanhará a leitura até a última linha. Lugar intermédio entre desterro, desespero e desenterro, é por essas brechas de desassossego que a voz narrativa de Smanioto, em tom fantasmagórico, guia seu leitor-testemunha em passo incerto, a acompanhar o vulto errante de suas mulheres.

Mas, antes de falarmos sobre a materialidade propriamente dita do espaço diegético que dá corpo a esse *Desesterro*, é preciso contextualizar o seu processo de escrita.

Segundo a autora⁵, em várias entrevistas e depoimentos⁶ concedidos ao longo do primeiro ano de circulação do seu livro, sobretudo nos encontros do circuito

⁴ Tendo em vista que nossa pesquisa doutoral ainda dá seus primeiros passos, e que nos encontramos ainda na fase inicial de acumulação de créditos acadêmicos e de ajustes de nosso projeto, nossas reflexões sobre o romance *Desesterro* são ainda muito verdes, carecendo de um aprofundamento que, esperamos, será alcançado nos próximos anos da pesquisa. Esperamos, assim, poder contar com a condescendência do leitor mais atento diante dessas nossas primeiras tentativas de abordagem e de teorização de nosso objeto de estudo.

⁵ Cabe mencionarmos que, quanto ao engajamento, por ocasião da premiação literária, com o SESC e com a Editora Record quando da publicação de *Desesterro*, em 2015, Smanioto participaria de uma série de atividades de divulgação do livro, sobretudo, oferecendo encontros de debate com o público nas principais cidades da rede *SESC Cultural*, assim como concedendo entrevistas em eventos ligados ao *Concurso SESC de Literatura*. Também vem havendo, por iniciativa própria da escritora, a realização de oficinas e rodas de conversa ligadas a ações de conscientização quanto ao empoderamento das mulheres periféricas em várias regiões do país.

⁶ Entre as entrevistas a que tivemos acesso, relacionamos aqui apenas algumas que consideramos importantes para entendermos o contexto da escrita de *Desesterro*, bem como das principais questões presentes, por ora, no universo criativo da autora: CASTRO, Letícia. Em novo romance, Sheyla Smanioto dá sequência à sua pesquisa sobre a relação da literatura com o corpo. *Itaú Cultural*. Entrevista publicada em: 06 ago. 2019, disponível em: bit.ly/2Y64Pvc; TORT, Paulliny G. Marca Página recebe escritora Sheyla Smanioto neste fim de semana. *Rádios EBC*. Entrevista publicada em: 20 jan. 2017, disponível em:

proposto pelo *Programa SESC Cultural*, a narrativa de *Desesterro* é o produto final de uma longa pesquisa autobiográfica, de um doloroso processo de reconhecimento e aceitação do próprio corpo, da sua feminilidade e do seu percurso de vida como filha de uma família de migrantes habitantes da periferia de São Paulo.

Acreditamos ser importante destacar esses tópicos para entendermos a complexa relação entre personagens e territorialidades nesse romance, uma vez que são temas presentes na própria fala da autora quando ela performatiza seu discurso sobre o processo da escrita do romance.

O mote do livro teria surgido a partir de um incômodo inicial quando da percepção de Sheyla em relação ao seu lugar como estudante de origem periférica ocupando um espaço dentro de uma turma de graduação em Estudos Literários numa universidade de referência nacional.

Foi-lhe crucial o choque provocado pela diferença social abismal entre o espaço original de vivência de uma jovem do subúrbio de Diadema, na periferia da grande São Paulo, e o horizonte de expectativa que lhe era oferecido numa faculdade cujo corpo discente mimetizava, em escala reduzida, uma realidade histórica de exclusão social⁷. Esse choque de realidades teria sido o fator decisivo para a autora começar a desenvolver reflexões mais profundas sobre o seu corpo, a sua trajetória e a sua relação com os espaços sociais e simbólicos que, à época, passara a ocupar como graduanda - a primeira da sua família.

Anos depois, já no Mestrado, Sheyla dividia seu tempo entre leituras teóricas, a escrita da sua dissertação⁸ e a primeira versão de *Desesterro*. Assim, o tom narrativo do livro seria alcançado, nesse primeiro momento, por meio da investigação teórica daquilo que a autora nomeou uma *escrita possuída*, convulsionada, de forte presença física. Entre as referências teóricas desse exercício

bit.ly/2DBjdIU; CARMONA, Roberta. Sheyla Smanioto - *Desesterro*. *Literatórios* - Episódio #096. Entrevista em vídeo publicada em: 18 out. 2016, disponível em: bit.ly/385nADU; MENDES, Mariana & CUNHA, Carolina F. Resenha de *Desesterro*, mais entrevista com autora. *Bondelê* #36. Entrevista em vídeo publicada em: 08 jul. 2018, disponível em: bit.ly/2rNdfvK; ROSEMBERG, Julia. Bate-papo com Sheyla Smanioto, autora de *Desesterro*. *Casa Bondelê FLIP 2018*. Entrevista em vídeo publicada em: 7 nov. 2018, disponível em: bit.ly/37XFZCw; SÃO PAULO Review. Sheyla Smanioto e *Desesterro*. Review. Vídeo-divulgação publicado em: 05 set. 2016, disponível em: bit.ly/2sCThEp; IEL Unicamp. Segunda jornada do coletivo A Entidade, do curso de Estudos Literários do IEL-Unicamp. *Avesso do Avesso II*. Vídeo-debate publicado em: 21 mar. 2018, disponível em: bit.ly/37RPyTj; METRÓPOLIS. Isabela Noronha e Sheyla Smanioto. *Metrópolis*. Entrevista em vídeo publicada em: 05 out. 2016, disponível em: bit.ly/35PG6y3.

⁷ É recorrente na fala da escritora, ao narrar sua passagem como graduanda e, posteriormente, como mestranda pelos bancos do curso *Estudos Literários* daquela instituição, o comentário quanto ao fato de o ambiente acadêmico ser um espaço altamente elitista, sobretudo o do seu curso, e de este não criar situações possíveis para uma relação de pertencimento com seus estudantes, principalmente com aqueles oriundos de famílias cujos membros jamais tiveram acesso à educação superior.

⁸ Cf. SMANIOTO, Sheyla Cristina. *Cruel razão poética: um estudo sobre a escrita do neutro em Maurice Blanchot*. Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2015. Disponível em: bit.ly/34i8IUR. Acesso em: 05 nov. 2019.

de escrita acadêmica, a jovem escritora passou, essencialmente, pelas leituras de Maurice Blanchot, Antonin Artaud e Michel Foucault, autores que, segundo Sheyla, deram-lhe a corporeidade fortemente presente em seu texto.

Num momento posterior, a jovem que queria ser escritora, agora aluna de uma oficina de escrita literária ministrada pelo escritor Marcelino Freire, decide reformular o projeto inicial do seu romance. O acentuado pendor à oralidade que marca o texto de Smanioto é, em grande medida, lapidado durante as aulas daquela oficina - e a própria autora o reconhece. Uma leitura em voz alta do texto *Da paz*⁹, de Marcelino Freire, seguida de alguns trechos de *Desesterro* nos mostram claramente o diálogo intertextual entre os dois autores. Mas, atenção, dessa aproximação circunstancial, rendeu à jovem autora o esmero na cadência da frase: “há que ler e ouvir como uma oração”, ter-lhe-ia sido o maior aprendizado naquela oficina literária.

O tom de revolta e insubmissão que soe frequentar os textos de Freire aparece em *Desesterro* de forma diversa, reelaborado. É justamente pelo não dito, ou pelo dito de outra forma, quase em murmúrio, como uma oração, que a sua narrativa ganha em potência. Smanioto soube transformar o grão de sal – necessário – do texto freireano numa pulsante voz romanesca que nos conduz dentro do insólito universo do seu *Desesterro*.

Com o manuscrito reestruturado, Sheyla concluiu a oficina com uma indicação para inscrever seu romance no *Prêmio SESC de Literatura* daquele ano de 2015. Freire estava certo, *Desesterro* seria premiado com o primeiro lugar do concurso.

Vejamos do que trata *Desesterro*.

Muito sucintamente, reduzindo um sólido trabalho de criação literária de mais de 300 páginas a um breve esquema analítico, poderíamos resumir o romance da seguinte maneira: trata-se de uma narrativa que nos conta a história de formação de uma linhagem familiar e que é construída com ênfase especial nas mulheres que compõem as quatro gerações de Marias que povoam o espaço e o tempo do romance.

De acordo com Smanioto, o mote inicial do incômodo, da sensação de não-pertencimento, seria afinado, paulatinamente, a questões sociais e históricas mais

⁹ Publicado inicialmente na coletânea de contos, de Marcelino Freire, *Rasif* - mar que arrebeta, de 2008, o texto ganhou vida e intensa repercussão pública ao ser performatizado por diferentes poetas e atrizes tanto em espaços mais restritos como o dos *slams* quanto em manifestações públicas de denúncia à repressão policial ostensiva por parte das forças de segurança nas comunidades periféricas no eixo Rio-São Paulo sobretudo. Certamente a versão mais conhecida e divulgada do texto *Da paz* é a performance da poeta Naruna Costa; há vários registros em vídeo das participações de Naruna em *slams* performando a narrativa, um deles, publicado pelo Coletivo *slam* Manos e Minas, já alcançou a marca de quase 158 mil visualizações - decerto um número bem acima daqueles alcançados por leituras literárias brasileiras na web. O vídeo pode ser acessado em: bit.ly/2OE1H6H.

abrangentes, mas que seriam condicionadoras daquele mal-estar inicial. Certamente, essa ampliação de foco, do específico para uma espécie de grande-angular panorâmica, não se deu tão somente para estabelecer uma dinâmica redutora de causa e consequência, mas, do contrário, para elaborar de forma mais consistente e refinada um profundo estudo sobre os corpos femininos e os espaços a que eles estão socialmente destinados a ocupar.

Deslocando o foco do pessoal para o social, o romance passaria então a trabalhar, de maneira distinta à tradição literária brasileira, os temas da fome e da migração, identificados como as duas grandes forças do movimento narrativo do livro.

Descendente de família com origens no Nordeste do país, a autora decide, porém, enfrentar esses temas, repetidos à exaustão na prosa brasileira, a partir de uma perspectiva diferente. Nesse sentido, tem-se como resultado, além do inovador trabalho estilístico empreendido pela escritora, o estabelecimento de dois paradigmas que servirão de bússola para o desenrolar da trama, são eles:

(i) o tema da fome que, costumeiramente trabalhado em termos de estigma social a atingir supostamente uma só região do país, na escrita de Smanioto, é deslocado dessa perspectiva única e disseminado, em sentidos múltiplos, como força motriz das personagens que povoam o romance. Em Vilaboinha, cenário de partida do livro, todas as personagens sentem fome, porém, cada qual à sua maneira. No caso específico da única figura masculina da família, que é construída como o principal antagonista das quatro gerações de mulheres, sua fome, ou melhor, suas fomes, no plural, configuram-se como elemento constituinte da masculinidade em todos os seus avatares: a partir do mesmo personagem Tonho, formam-se as figuras do marido, do companheiro, do agregado, do padrasto. Todos eles abusivos e opressores.

Dessa forma, o *leitmotiv* inicial da fome, da fome fisiológica propriamente dita, com o avançar da narrativa, adquire importância e centralidade na figura masculina passando a desdobrar-se em outras formas de fome: fome de autoridade, fome de poder, fome de abuso, fome de corpos, chegando, por meio duma escrita convulsiva, ao paroxismo desse estado constante de insaciedade com a metáfora totalizadora da terra que come e descome os corpos indigentes das mulheres nesse mundo periférico de desterro, inicialmente circunscrito à Vilaboinha, e depois, na segunda parte do romance, estendido à Vila Marta;

(ii) dessa mudança de cidade, a partir de uma trajetória de fuga, temos o segundo paradigma, o da migração que, deslocado geograficamente, adquire novo marco espacial. Aquele que, na tradição histórica e literária brasileira do século XX,

movia-se no sentido Nordeste-Sudeste, em *Desesterro*, passa a ser trabalhado num eixo interno de periferia-centro, e esse centro sempre como o horizonte inalcançável - acreditamos que não seja equivocados pensarmos aqui nessa dinâmica como um tipo de alegoria da própria configuração excludente e segregadora da ocupação do espaço nos grandes centros urbanos brasileiros¹⁰.

De Vilaboinha à Vila Marta, dá-se a trajetória dessa linhagem de mulheres, especificamente com as duas últimas, Maria de Fátima e a filha Scarlett Maria, numa espécie de eterno *estamos quase chegando lá*, em que este *lá* é percebido como o centro desenvolvido, espaço de promessa de uma vida melhor, logo, lugar tomado como meta, mas que, uma vez alcançada, materializa-se como duplo do espaço anterior. Vilaboinha e Vila Marta, do mesmo ao mesmo, duas periferias que, num cruel jogo de imagem, refletem-se parcialmente uma na outra replicando o mesmo cenário de violência, vulnerabilidade e negligência a que esses corpos femininos periféricos estão expostos.

Assim, o deslocamento espacial como promessa de devir, de uma vida melhor, para essas Marias periféricas, não se realiza. Nesse trecho, acreditamos que a narrativa alcança um dos seus pontos mais importantes, ao mostrar para o leitor que, não importa por onde essas personagens se movam, a ameaça de uma estrutura social opressora e violenta estará sempre à espreita. A superestrutura, nessa leitura, seria apenas a parte visível e atualizadora da manutenção de mecanismos subterrâneos de controle, físico e simbólico, a agir sobre o corpo dessas personagens.

Nesse sentido, a autora desenvolve, no romance, não apenas uma análise sobre as injunções à materialidade do corpo feminino – toda sorte de violência –, mas cria também uma profunda pesquisa sobre a construção social da consciência de um corpo feminino a partir das limitações, das proibições e, principalmente, das vulnerabilidades a que esse corpo está exposto.

A partir dessa espécie de dialética do corpo, entre a vulnerável materialidade do corpo físico e as imposições sociais ao corpo simbólico, Smanioto constrói a saga

¹⁰ Nesse sentido, há que desenvolver ainda um estudo analítico sobre o imbricamento dos aspectos topográficos com as formas de violência exercidas/sofridas por essas personagens periféricas na luta pela sobrevivência. Smanioto desenvolve, nessa direção, uma fina crítica às condições de “vulnerabilidade total” (BURLANDY e MAGALHÃES. A dura realidade brasileira: famílias vulneráveis a tudo. *Democracia Viva*, Ibase, n. 38, jun. 2008) e negligência institucional a que estão expostas as mulheres de seu romance. É flagrante o efeito alcançado em sua escrita, que, mesmo não nomeando classe e etnia, expõe a nu a violenta segregação social a que estão expostas, sobretudo, as mulheres negras nas periferias das cidades brasileiras. Mais de uma vez, em suas falas, a autora sublinhou que, a despeito de ser uma jovem branca, considera-se como um produto socialmente formado num meio cultural essencialmente negro, o das periferias de São Paulo, e de ter crescido testemunhando os efeitos de um racismo estrutural à sociedade brasileira dentro da sua própria família, pelo fato de ter um pai negro.

de quatro gerações de Marias. Longe de ser um enredo fatalista e vitimista, enxergamos em *Desesterro* um tipo de corolário de uma política do corpo, da tomada do corpo como potência política de resistência, construído num percurso doloroso, de escolhas difíceis, mas que aponta para uma mudança possível em seu desfecho, com a última integrante da linhagem de Marias, a *benjamine* Scarlett Maria, rompendo o ciclo de repetições no qual suas ancestrais estiveram aprisionadas.

3. Um corpo possível, enfim

Essa ruptura dum circuito fechado de submissões, abusos e violências, em grande medida, só se torna possível a partir dos mecanismos disruptivos silenciosos que essas Marias põem em ação. À análise de Butler, em nossa leitura, esta seria uma das formas contemporâneas de resistência, qual seja, a tessitura de uma rede de corpos em aliança¹¹, consciente ou inconscientemente, formada por esse grupo de mulheres postas em situação de extrema precariedade e vulnerabilidade.

Ler esse romance apenas numa visada interna, numa leitura estritamente *intra fabula*, é perfeitamente possível - e aqui assumimos os riscos dessa nossa leitura dialógica, em que o *extra* e o *intra* textual complementam-se; mas há que mencionar, por outro lado, a quase total ausência de elementos residuais, *in presentia* na narrativa, a partir dos quais, eventualmente, poderíamos estabelecer conexões com uma temporalidade histórica externa à matéria narrada. *Stricto sensu*, os elementos cronotópicos, de tempo e espaço, propostos por Bakhtin na sua Teoria do Romance, que nos ajudariam a esboçar uma traçabilidade evidente entre o *intra* e o *extra* fabular, não se apresentam de forma direta no caso de *Desesterro* – fato este que só enriquece o trabalho de criação romanesca nele empreendido.

Acreditamos, entretanto, que muito daquilo que ao livro está associado, seu poder discursivo reivindicatório de um *topos* feminino de resistência e até mesmo os dispositivos externos impulsionadores da sua escrita, no sentido da elaboração de uma obra como produto de seu tempo, possa, por má ventura, escapar aos olhos do leitor menos atento ao contexto de feitura desse romance.

¹¹ Construímos aqui essa imagem de uma rede de aliança protetiva a partir da leitura dos escritos de Judith Butler ao analisar o fenômeno social fortemente disseminado na contemporaneidade da criação de redes associativas aglomerando atores sociais periféricos postos em situação de precariedade e vulnerabilidade por seu pertencimento a determinado grupo minoritário ou excluído socialmente, principalmente nos contextos de ascensão política de forte viés autoritário e conservador. Cf. BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. 2018, em especial o seu capítulo IV, A vulnerabilidade corporal e a política de coligação.

Uma leitura estrutural, atenta à arquitetura interna do texto romanesco, evidentemente tem seu mérito e sua pertinência, sempre. Porém, em tempos de luta contra os silenciamentos, a *leitura a contrapelo*, transbordando os limites de suas páginas, impõe-se. Assim, nossa proposta de análise situa-se numa outra margem de abordagem também possível, qual seja, aquela a partir de fora, do externo, com os pés firmes fincados à materialidade do terreno histórico e social a estabelecer, dialeticamente, uma relação com o mundo interno romanesco, seguindo a lição lukacsiana de que toda a literatura é produto de um tempo histórico, toda a literatura é produto de uma dada dinâmica social.

Dessa dialética entre o ficcional e o social, chamamos atenção, num breve apontamento, quanto à problemática suscitada pela sorte da última integrante da linhagem de Marias que habita *Desesterro*: Scarlett e sua sina de trânsfuga sobrevivente à rede ancestral de violências.

Para a filósofa Chantal Jaquet, com o aprimoramento dos mecanismos de democratização nas sociedades contemporâneas e sua consequente acessibilidade aos cidadãos, tem-se visto na nova literatura, como reflexo do que acontece no mundo social, a formação de um variado elenco de personagens trânsfugas.

Termo transformado em categoria e assiduamente trabalhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, sobretudo nos seus estudos da década de 1970, para a filósofa, entretanto, ao constatar a carga mnemônica negativa acionada pelo vocábulo trânsfuga, o conceito mereceria uma revisão/atualização epistêmica, pois, em sua base latina, *transfuga* guardaria em si a ideia daquele que trai, que deserta, que foge. Nessa direção, Jaquet propõe, assim, o neologismo *transclasse*, mais próximo ao jargão inglês, o *class-passing*, para nomear aquele agente social que, por circunstâncias várias, vê-se deslocado do seu meio social de origem. Tal movimento podendo deslocá-lo tanto para uma classe social mais alta quanto para uma camada econômica inferior àquela de onde partira.

Para a filósofa, a personagem trânsfuga, ou transclasse como prefere, encarnaria a cisão entre esses dois mundos, o primeiro a submeter a personagem a uma existência aparentemente em conformidade com o mundo da experiência até então conhecida, e o segundo que, via de regra, é alcançado por meio duma busca da personagem, mas que, uma vez alcançado, configura-se como um lugar cindido, a denunciar, a todo instante, o não pertencimento da personagem ao lugar agora ocupado.

Entre uma ponta e outra dessa escala da vida social, ainda com Jaquet, ter-se-ia o processo socio-filosófico de “compleição do sujeito”, na nomenclatura spinozana trabalhada pela filósofa: o *ingenium*, a instaurar pequenas fissuras nesse

processo metonímico de reprodução de modelos sociais e a tecer uma nova malhagem subjetiva que, por sua vez, proporcionaria uma mudança, em alguns casos uma ruptura total, na matriz social/familiar de repetição dos modos de vida¹².

Nesse sentido, por fim, Scarlett Maria, como a trãnsfuga da família, corporifica esse ponto máximo de tensão entre, por um lado, uma matriz reprodutora de comportamentos, submissões, sujeições, modo de vida e destino das suas ancestrais e, por outro, a promessa de uma vida, ao menos, menos assujeitada aos infortúnios vividos por gerações e gerações de mulheres em Vilaboinha.

Desesterro, o livro de formação de uma linhagem familiar, transmuta-se, ao fim, numa narrativa de filiação ainda aberta, por ser escrita por essa filha que traz consigo, como um canto de liberdade, a subversão da ordem ancestral, a ruptura do paradigma fundacional da nomeação: Scarlett, e que se torna, dentro da escassez de escolhas nesse mundo de opressões, o devir possível: a filha que, como sonhara a sua mãe, Maria de Fátima, venha a ser, quem sabe, um dia, estrela de cinema.

¹² Cf. JAQUET, Chantal. *Les Transclasses - la non-reproduction*. Paris: PUF, 2014. Notadamente sobre esse tópico da formação da malha subjetiva do trãnsfuga, veja-se a segunda parte do livro, *La complexion des transclasses*, a partir da página 105.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas** - notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Vida precária** - os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CANCELA, Helder G. **O exercício da violência**. Lajes: Companhia das ilhas, 2014.

CASARIN, Rodrigo. Sobre cães, mulheres, terra e fome. **Suplemento Pernambuco**. 05 set. 2016. Disponível em: bit.ly/2LdyltY. Acesso em: 10 nov. 2019.

ERIBON, Didier. **La société comme verdict**. Paris: Fayard, 2013.

ERNAUX, Annie. **Une femme**. Paris: Gallimard, 2007.

FREIRE, Marcelino. **Rasif** – mar que arrebenta. Rio de Janeiro: Record, 2008.

JAUQUET, Chantal. **Les Transclasses** – ou la non-reproduction. Paris: PUF, 2014.

LIMA, Amanda. Vidas precárias: a sobrevivência quando não existem condições mínimas de existência. **Revista Subjetiva**. 08 fev. 2019. Disponível em: bit.ly/2R6EMTn. Acesso em: 08 nov. 2019.

LOUIS, Édouard. **Histoire de la violence**. Paris: Seuil, 2016.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

NANCY, Jean-Luc. Corpo nudo. **Corpo fora**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

ROUSSEL-GILLET, Isabelle. À corps ou l'impossible désengagement. FORT, Pierre-Louis; HOUDART-MEROT, Violaine. (éds.). **Annie Ernaux** - Un engagement d'écriture. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2015.

SMANIOTO, Sheyla. **Desesterro**. São Paulo: Record, 2015.

_____. **Cruel razão poética**: um estudo sobre a escrita do neutro em Maurice Blanchot. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: bit.ly/34i8IUR. Acesso em: 05 nov. 2019.



Desesterro, by Sheyla Smanioto To stay to leave to resist, female body trajectories

ABSTRACT:

This article proposes a reading of Smanioto's debut novel, *Desesterro*, published in 2015. From the idea that the author establishes a *corporeal poetic* in her writing, we developed a study of the novel in a dialogue between internal elements, constituents of the narrative, and external factors that, in an approach to the perception of the literary text as an element that integrates a network of interventions in an expanded field, contributed to the writing of the book. For that, we draw upon the notions of *precarious life* and *bodies in alliance* proposed by Butler, as well as the notion of *class-passing* problematized by Jaquet.

KEYWORDS:

Family lineage;
Social segregation;
Violence;
Resistance.